

TRILHA SEM FRONTEIRAS

Haroldo Maranhão e o silêncio da cidade.

Maria Elisa Guimarães

Professora de Filosofia da Universidade Federal do Pará

"O homem é delicado: aquilo que ele diz
é que é assustador".

Rainer M. Fassbinder.

Com exceção de Lúcio Flávio Pinto, nada se escreveu ou publicou nesta cidade — pelo menos nos últimos 5 anos — sobre a produção literária de Haroldo Maranhão, em seu conjunto ou especificamente, sobre seus dois últimos romances. Em 1983, ano de lançamento de *Os Anões* (ed. Marco Zero), Lúcio Flávio ainda militava na imprensa diária e leitores afortunados puderam ler o artigo em que analisa o romance com aguda percepção, em *O Liberal* de 08.04.84. Porém, *Rio de Raivas* (ed. Francisco Alves, 1987) já encontra Lúcio em seu espinhoso exercício de iluminar, no âmbito público, "os assuntos dos homens" num outro espaço. Assim, menos leitores afortunados puderam ler no "Jornal Pessoal nº 9" (1ª quinzena de janeiro de 1988) a sua notícia crítica sobre o último livro publicado pelo contista, novelista e romancista paraense que é, inquestionavelmente, um dos mais importantes escritores do país, na atualidade.

Antes de tentar atinar com as causas desse silêncio, diga-se, a bem da verdade, que, apesar dele, o autor vai muitíssimo bem, obrigado, sendo nós os subtraídos. Se não, vejamos: apesar da temática de *Rio de Raivas* estar circunscrito ao "pathos" e à "hybris" da época que antecede e assiste à decadência e extinção do jornal "A Folha do Norte" e o seu contraponto histórico, o baratismo — o livro, segundo notícias da editora, está vendendo muito bem de Sul a Norte. Neste momento, Haroldo ultima a preparação da edição portuguesa de *O Tetranelo del-Rei* (Francisco Alves, 1982), que deverá ser lançado em setembro, no país que já lhe deu o Prêmio Vértice de Literatura, pelo romance *A Porta Mágica*.

Entretanto, a carreira e o reconhecimento internacionais à obra de Haroldo Maranhão não começam nem param aí. Ele tem contos traduzidos para o tcheco, incluídos em uma antologia da Universidade de Praga. E, para reforçar mais ainda o silêncio nosso — a mais substancial abordagem de um texto de Haroldo Maranhão, vem, surpreendentemente, dos Estados Unidos! No Colóquio on Hispanic and Luso-Brazilian Literatures and Romance Linguistics, de 1986, na University of Texas at Austin, o professor Kenneth David Jackson apresentou conferência intitulada "The parody of Letters in Haroldo Maranhão's *O Tetranelo del-Rei*" onde destaca o que se poderia chamar a lírica, a prosa poética cristalizada pelas *Cartas* e, a partir daí, analisa todo o jogo intertextual, metaliterário e metalinguístico, a estilística antropofágica e, segundo as pistas apontadas por Benedito Nunes, reconstitui a linha de parentesco desse romance magistral com a criação de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade, principalmente com a deste último.

E, como se tudo isso não bastasse, no final de junho passado, em São Paulo, foi levada a efeito uma leitura dramática preliminar de uma peça de Haroldo Maranhão, cujo título é *As carnes quebradas*, incursão teatral que lhe valeu Menção Honrosa em São Paulo e um primeiro lugar em concurso realizado no Rio de Janeiro.

Com tanta fulguração, por que o grito desse silêncio?

Sob pena de perder uma eventual e mínima qualificação, não posso estender tanto o âmbito desse questionamento, Mas creio ainda interrogar a cidade, se me dirigir a uma de suas caras instituições: à Universidade, espaço privilegiado do "polemos", por vocação centro aberto à interpretação dos fatos da esfera pública, ultrapassando-os porém, enquanto "assunto acadêmico" e transformando-os em fatos-objeto pensados, "preocupação do homem pensante". Só assim se legitima sua ligação, seu compromisso com a comunidade e com a sociedade.

Vário é o caminho que se oferece a um olhar "eloquente" e mobilizador, dirigido ao universo literário de Haroldo Maranhão. E o que pretendo indicar aqui são algumas — no meu entender, estimulantes e sedutoras - trilhas que podem constituir um leito sobre o qual poderia correr um rio de reflexões.

A primeira e mais previsível trilha certamente é a própria literalidade do texto do escritor que mais desafia o estudioso: *O Tetranelo del-Rei* onde o empenho consciente do autor em transgredir o código linear e sucessivo, é deliberação *compositiva* que vai resultar numa escritura organizadamente anárquica. Conforme observa o professor Benedito Nunes, "a própria língua

portuguesa torna-se co-protagonista desse romance de junção e disjunção, de desconstrução e reconstrução”.

Com efeito, neste “texto de prazer”, oferece-se ao exame, o poder encantatório do autor, oulives da palavra, manipulando com habilidade inigualável tanto as minúcias quanto as reverberações coloridas e harmoniosas de um verno perdido e distante, simultaneamente porém, utilizando de forma nova, ousada nos experimentos a metáfora, a paranomásia, a alegoria e, sobretudo a paródia - e o tom irônico, o que confere ao texto um vigor e uma riqueza inventiva que instiga e desafia a própria criatividade do leitor e dos críticos. É, provavelmente, através desse romance que o autor transpõe as fronteiras do regional e do nacional, alcançando-se a contiguidade estilística ou de gênero de Petronio, Rabelais, Jonathan Swift, Gregório de Matos. Eu não hesitaria, pelas digressões, pela passagem “do jocoso ao sério e do sério ao jocoso”, em aproximá-lo de Sterne. A propósito, desavidamente, nossos intelectuais das letras se arriscariam a perder a oportunidade de tentar mostrar que, pela via da sátira menipéia, Jerônimo d’Albuquerque, o Torto vem a ser contraparente de Alonso Quixano, o *Don Quixote de la Mancha*?

Mas, também à espera do pesquisador, as crônicas, contos, e novelas. Desde o especialíssimo *A estranha xícara* (Saga, 1968) onde fala de pessoas, de coisas do trato cotidiano, dos estados fugídios do espírito, aparentemente simples, mas tão difíceis de dizer literariamente. Haroldo Maranhão, penso, é um narrador do tipo a que Walter Benjamin se referia, como estando em extinção: porque o que conta está cada vez mais escasso nos tempos presentes: a sua própria experiência, íntima, viva, cheia de substância humana. Sendo seu livro de estréia, esse traço se conserva até seu recente *Rio de Raivas*.

A indicação de *A porta mágica* (Scipione, 1987) como leitura obrigatória para o Vestibular de 1989 é de inquestionável importância e o contato que tal medida propicia entre os jovens leitores e um trabalho do escritor deveria ser ampliado, seja pela divulgação da obra literária em seu conjunto, pela presença da mesma em nossas bibliotecas e, sobretudo pela produção de textos, estudos críticos, etc.

Parece que existe, no Brasil, a propensão de escrever-se preferentemente sobre o escritor, depois de que este morre. Entendo que é importante a produção literária voltar-se para o passado; mas, num momento em que a crítica literária se transformou praticamente em resenhas apressadas e duvidosas, não seria o caso de se estimular — aqui, por nosso turno o confronto com o autor vivo, permitindo a tensão, elaborando-se, assim, uma visão “própria”, mais trabalhada, mais reflexiva, inclusive assegurando um fio de continuidade ao “informar” o gosto nos alunos por uma pesquisa mais direta, mais atualizada, mais exigente e, por conseguinte, mais viva também?

Ainda se poderia deter-se num outro aspecto cativante: o do Haroldo Maranhão dos hábitos exercícios sintáticos, do experimentalismo fonético, o do “posseio curvado sobre a máquina de costura das palavras” sim, mas também o de alguém que demonstra possuir um ouvido incrivelmente aguçado para as conversas e para a maneira como as pessoas dizem as coisas. E tanto quanto a imagística original, forte, e supreendente e variada, merece um estudo a onomástica provocante, divertida e quase sempre muito bizarra, já tendo sido homonímica. A propósito, Roland Barthes disse que não escrevia romances, porque temia se encontrar com a dificuldade de dar nomes às personagens. Já Haroldo Maranhão...

III

Impossível deixar de descobrir “errante, atras, à frente” do escritor, o jornalista. Sim, a quem caberia lembrar à nossa juventude, geralmente tão bem informada, que Haroldo foi jornalista, durante as décadas de 40 e 50 na Folha do Norte e na Folha Vespertina?

Tal lembrança abre um fluxo oxigenador à pesquisa nessa área sobre a imprensa paraense, a imprensa tout court, passando pela relação jornalista/escritor. Paulo Francisco, considerado um dos melhores jornalistas do país (sei, afirmação polêmica abaixo da linha dos 30) já confessou, por vias transversas, ter querido escrever, como todos os jornalistas de sua geração, o romance brasileiro “definitivo”. José Carlos de Oliveira foi movido por esse propósito ao escrever *Terror e Êxtase*. Como nenhum dos dois, ou seus companheiros, conseguiu o intento, prossegue caudalosa a reflexão sobre o tema: o jornalismo, pela necessária e imediatista manipulação da palavra, arruina ou depura vocações literárias? E quanto a Haroldo Maranhão, qual o “segredo de seu sucesso”? Jornalista e escritor, nele, chegaram a conviver? Parece certo que o jornal não se presta a exprimir experiências mas sim a liquidá-las, substituindo-as pela informação, que se pretende isenta, direta, breve, múltipla; já o escritor aparece denso, particular, demiurgo pela poética da linguagem, reinventando esse e outros mundos... Teria Haroldo Maranhão deixado de ser jornalista? Pode-se deixar de sê-lo?

No capítulo a respeito da história da imprensa no Pará, que se confunde com a própria história do jornal que dominou de forma absoluta, por cerca de meio século a vida da cidade, lá estará Haroldo Maranhão num tríplice viés: o jornalista atuando no jornal onde impera a figura emblemática e legendária de Paulo Maranhão, seu avô; que tipo de jornalista foi ou podia ser que

Haroldo Maranhão numa época em que o jornal era o poder numa concepção bem diferente do que seja o poder que um jornal tem hoje.

E, sobretudo, a experiência fulgurante, iluminadora e, por certo, revolucionária do *Suplemento de Arte e Literatura da Folha do Norte*, fundada por ele, em 1946, juntamente com Benedito Nunes e Max Martins (e que publicaria mais tarde os primeiros poemas de Mário Faustino). O pesquisador que se deparar ao acaso com um exemplar do Suplemento terá uma atordoante experiência de esfacelamento do tempo: não fora pelo amarelecido do papel, imagina-se ter em mãos um documento impressionantemente atual e novo: Keats, Novalis, Withman, Rilke, Pound, Proust, Hölderlin ... não, não se trata do Folhetim da edição do sábado passado da Folha de São Paulo. É o suplemento *Arte Literatura* de 1946, da Folha do Norte de Belém. Expressão fiel e tradução viva dos valores culturais de sua época. Isso não pode se perder no esquecimento! Ao ler alguns exemplares da coleção do professor Francisco Paulo Mendes — cuja importância na história do destino cultural desta cidade também está a merecer um registro à altura — senti que o passado tem uma forma insidiosa de se vingar do futuro: através do nosso imobilismo. Se não nos dermos conta disso, corremos o risco de ter um futuro inativo, arquivo acadêmico, desinformado e inútil sem qualquer contato impressivo com o real percebido.

IV

Perpassando praticamente toda a obra de Haroldo Maranhão, deixa — se entrever a vivência, a concepção de mundo de um escritor mergulhado nos paradoxos das épocas e lugares em que viveu e vive, sempre consciente de seu compromisso com o tempo e com a realidade. Sua produção já considerável atesta a multiplicidade de temas, a elaboração evolutiva do estilo — e ele possui um estilo próprio, sem dúvida — e essa preocupação em tecer uma reflexão sobre o tempo presente, construído inevitavelmente com a experiência humana resgatada do passado.

Nessa linha de pensamento, considero irrecusáveis os desafios que, pelo menos, os dois últimos romances do escritor lançam aos nossos cientistas sociais e historiadores, enquanto textos ficcionais que interessam à pesquisa como “documentos de época” ou como forma de recuperação de uma história de mentalidade.

E muito pode ser lido nos textos de Haroldo Maranhão acerca, por exemplo, da época de Paulo Maranhão e Barata, do fenômeno do baratismo, o choque e o estilhaçamento resultantes do confronto — motu perpetuo — entre os dois líderes da época (precários sim mas existiam); a cidade reconstituída, como conteúdo da consciência — já que o passado é irrecusável como tal — o retraçamento de uma sociedade com seus valores cultivados, denso retrato, a recuperação de uma cartografia do imaginário social e sexual da época: e sobretudo o ponto mais fundamental da consideração do romance como documento histórico, pois nele é que se vai recuperar aquilo que a história oficial, a história dos modos de produção, grandiloquente, despreza: as vivências, as memórias do cotidiano para o que contribui grandemente a linguagem, que envolve falas e modos de dizer, num tom que permite várias gradações, exatamente as de que se necessita para conhecer melhor esse pedaço nosso de história. Quem tem sido mal “tratado”, tão mal “olhado”, apreendido que é — como outros — quase sempre através da camisa-de-força alheia e empobrecedora do reducionismo científico.

E, se o que se coloca na ordem do dia é a discussão a respeito do papel do texto literário enquanto “documento valioso” para esse tipo de pesquisa, não vejo como tal debate poderia ser mais enriquecido e vitalizado que com o exame incidindo na raiz e nas possibilidades dos textos de Haroldo Maranhão. E o livro de Kátia Muricy *A Razão Cética* (Companhia das Letras, 1988) e as pesquisas de Margareth Rago, sobre a questão feminina, mostram que vale a pena combater esse “bom” combate. Até porque, o que essa produção literária, comparável, no seu resultado, a um reator de alta potência emitindo descargas constantes, oferece ainda ao olhar que busca razões e não se furta ao exercício da reflexão, impressiona pela variedade e pela interdisciplinaridade: as mulheres de Rio de Raivas que, ao contrário do que anuncia a apresentação do livro não são “conformadas escravas das

que tudo podem". Por uma angulação feminista, *avant la lettre*, Haroldo Maranhão denuncia as diferenças de poder segundo as regras explícitas do jogo, mostrando, porém, o território onde tais regras nem por serem menos explícitas deixam de ser importantes e eficazes. As mulheres de "Haroldo são hábeis no desenvolvimento dessas contraestratégias que invertem as relações de dominação, estabelecidas pelas regras formais, tornando-se conscientes possuidoras de um "outro" poder que se baseia fundamentalmente no testemunho doméstico acerca da figura pública; - a sexualidade, hoje do interesse de historiadores, sociólogos, antropólogos e filósofos, um aspecto decisivo da experiência humana está — mais para a prática que para o conceito — disseminada por toda a obra de Haroldo Maranhão. A leitura de seus últimos livros sugere, ao meu ver, um interessante pólo de tensão: de um lado o levantamento do imaginário social e sexual da cidade que destaca os papéis do masculino e do feminino permitidos socialmente, e por outro lado, as figuras que o imaginário recusa, excluídas do discurso e da fala, mas que o autor traz à tona: no caso, o incesto, o adultério feminino, o lesbianismo e, num nível de menos visível interdição, o autor ensaia uma espécie de "transvaloração" da figura da prostituta. E seria impossível não destacar, ainda no tema, especificamente o livro de contos *Jogos Infantis* (cd. Francisco Alves, 1986). Primoroso a começar pelo título, um verdadeiro achado, jogo de encobrimento que ao esconder revela. Não indica de imediato o seu conteúdo — a sexualidade na infância e na adolescência — mas ao encobrir revela uma idéia de sexualidade fora de manuais, pois o tema e as variações sobre o mesmo (uma delas a da "cena primitiva") há muito perdeu para nós a conotação de jogo, a noção de deleite, puro desejo.

Inspiradamente, Fanny Abramovitch, educadora e crítica da produção cultural infanti, incluiu numa antologia infanto-juvenil *Ritos de Passagem para adolescentes* (Summus, 1987) o conto "Cortininha de Filó", o primeiro de *Jogos Infantis*. Mas, ainda há muito tempo a ser explorado neste livro oportuno que nos faz refletir acerca do conceito de criança como produção ideológica forjada pelas instituições familiar e escolar: sempre natural, bela, inocente e pura. Tal noção repousa justamente na ocultação e no disfarce de uma questão que é fundamental para qualquer sujeito (criança ou adulto): a questão da diferença sexual. E, em cada um dos contos de Haroldo Maranhão devolve à criança adolescente sua enunciação enquanto sujeito desejante, e mostra que o universo infantil é rico, tenso e intenso, com anseios, medos, prazeres e saberes.

Por fim ocorre-me a questão da relação do escritor com sua cidade. Lembro-me de Macondo o outro nome da cidade natal de Gabriel García Márquez, de Sinclair Lewis vingando-se de Saut Center, de Borges e sua atormentada relação com Buenos Aires, de Joyce que, fugitivo de Dublin que o angustiava, eleva-a no *Ulisses* a uma dimensão muitas vezes maior que a dos personagens e imortaliza-a no conto *Os Dublinenses*. No Brasil, Itabira que se tornou apenas um retrato na parede. E que doía em Drummond. E Curitiba, de onde não saiu Dalton Trevisan, que, ao se definir "um escorpião de bote armado" sugere estar sempre à espreita, à espera de uma oportunidade para revelar as fraquezas da província.

Estaria o nosso escritor incluído entre os que, embora saindo, não escapam da armadilha representada pela cidade que deixaram? Algumas leituras podem sugerir que sim, que sua relação com Belém ou com o que representou ter vivido e saído daqui, tem algo de conflituoso ou angustiante. Louvando-me no fato de que o autor não é mais — se alguma vez o foi — "o guardião único do sentido de sua obra", alguns de seus livros, mais clara e especificamente *Os Anões e Rio de Ranivas* me aparecem também como uma, possivelmente catártica e seguramente cruel tentativa de um "ajuste de contas" com a cidade ou com parte da cidade. Cruel até porque o escritor é mais forte que ela: conhece-a e a desnuda. E como um amante raivoso, aqui e ali, espanca a amada que não soube fazer a coisa justamente como devia.

Seja como for, é importante não perder nunca de vista a dimensão artística do texto literário. Pode-se compreender que *Rio de Ranivas* — que tem sido muito lido na cidade — desperte uma avidez pela identificação dos personagens. Claro que é compreensível: deve ter sido sempre assim com qualquer presumido roman à Clé, e não penso que seja mais uma atitude "mesquinha e primaria" buscar "quem é quem" (o que de resto é tarefa quase impossível, pois este romance está mais para pintura que para fotografia). Convém, entretanto, lembrar que deter-se somente neste aspecto é muito empobrecedor, pode levar

a um inócuo exercício de ressentimento e elide o entendimento de que as personagens de ficção inspiram situações que, por mais engraçadas ou grotescas que pareçam, não se esgotam no riso ou na raiva que provocam.

Mais importante que saber quem "era" Nietzsche ou Lukács no livro *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, é entender que o sanatório é uma espécie de miniatura do próprio mundo moderno, que padece de uma doença e que cada um dos personagens mostra um aspecto dessa doença — na visão do autor — o fanatismo, o irracionalismo, a dissolução moral, etc.

Do mesmo modo, *Rio de Raivas* desvela o cotidiano de uma cidade, e não a biografia individual dos personagens, é a psicologia de uma época que está sendo narrada, registro de circunstâncias de pessoas em sua *facticidade*, e isso tem uma importância fundamental para a Cidade que quer e precisa se conhecer.

Haroldo Maranhão, reconfigurando as representações da realidade, através de sua ficção, nos remete a um exemplo e a uma lição: a tarefa constitutiva da modernidade é justamente a superação do esquecimento do passado, pela lembrança. Só no empenho deste exercício intempestivo o homem pode subverter essa esfera em que vive mergulhado — "a esfera do sem memória, do sempre-novo, do sempre igual" — e refazer sua própria história, buscando o passado de forma viva, tentando recuperar as esperanças possíveis e tecer uma trama com o fio das experiências que se perderam, e sobretudo buscando iluminação para um re-conhecimento do presente que possibilite a construção de um projeto para o seu futuro.

**HAROLDO
MARANHÃO**

**Rio
de
Raivas**

ROMANCE


Francisco
Alves